

O Anjo

I

- Oi, pai!

- Gabriel, eu não te falei para evitar tomar chuva? Vai direto para o banho. Você está todo molhado filho.

- Mas pai, eu só tava brincando no jardim e a chuva tá fraquinha.

- Vai logo, Gabriel...

Aquela atitude de Reinaldo pareceu um pouco exagerada para o menino, porém ele estava acostumado com as ordens do pai e foi direto ao banheiro. Reinaldo, por sua vez, posicionou-se em frente à janela, que de tão molhada, impedia uma visão nítida da rua.

Na verdade, ele não estava enxergando a rua, a chuva e nem mesmo a janela, pois o seu pensamento estava muito longe e não lhe saía da cabeça as palavras do doutor Mendes, que foi muito incisivo naquela manhã ao comunicar a doença de Gabriel. Reinaldo ainda não aprendera a lidar com aquela situação, afinal de contas era o seu único filho. Sentia um misto de tristeza, medo e revolta, achando que aquilo não era justo. Só havia uma certeza, faria tudo o possível, e até o impossível, para reverter esse triste quadro pintado pelo médico, pediatra do menino desde que nascera, dez anos atrás.

As imagens começaram a passar diante de seus olhos e foi inevitável a lembrança do nascimento do filho.

- Parabéns papai, é um garotão, forte e saudável.

- Posso ver o “meu” moleque, doutor?

- Claro. Mas espere só um pouquinho, porque o “seu” moleque logo será levado para o quarto, onde ficará junto da mãe.

Reinaldo não cabia dentro de si, estava orgulhoso, pois, ao contrário dos irmãos, tinha agora um menino, que seria, com certeza, o herdeiro de todo o império que tinham conquistado: a família Castelo era muito rica e poderosa.

- Tudo bem, pai?

O tempo passou tão rápido que Reinaldo nem percebeu o retorno de Gabriel. Seu semblante, ainda carregado de preocupação, alterou-se como num passe de mágica.

- Filhão, não quero que se esfrie. Eu me preocupo com você e tudo o que faço é para o seu bem.

- Eu sei pai, eu sei. Tenho certeza que você sofreria muito se algo acontecesse comigo...

- Não fale assim, nada vai acontecer com você!

A frase de Gabriel pegou Reinaldo de surpresa e sua resposta foi instantânea, impedindo até mesmo que o menino a concluísse. E continuou:

- A partir de hoje eu te levarei para a escola.

- Por que pai?

- É que... O Cláudio... Não poderá mais fazer isso. Tenho uma outra atividade para ele.

- Tudo bem. Vou pegar minhas coisas. Já tá na hora de ir.

O trajeto de vinte minutos, realizado naquele dia cinzento, apesar de ser por avenidas movimentadas, conduziu Reinaldo para dentro de sua imaginação. Nem o som das buzinas, nem o barulho dos automóveis e dos caminhões ou o ir e vir do limpador de pára-brisas impedia que se lembrasse a todo instante das passagens da vida de Gabriel.

- Papaizinho, posso brincar na pracinha?

- O que você quer fazer lá? Temos tanto espaço aqui em casa, no jardim, na piscina.

- É que eu vi umas crianças brincando e correndo.

- Sabe filho, temos que ter cuidado com as pessoas que não conhecemos. Não quero que você se relacione com qualquer tipo de pessoa. Temos que ter cuidado, pois às vezes, só pensam naquilo que temos. Nunca vá lá sozinho... Ouviu?

- Mas eu queria brincar...

- Peça o que você quiser e eu comprarei pra você, filho.

A visão do prédio do colégio, com seus muros altos e imponentes, além dos carros importados e controlados pelos apitos do guarda de trânsito, trouxeram Reinaldo de volta a realidade. Estacionou no primeiro espaço que encontrou, pois queria descer para conversar com a diretora da escola e, diante da estranheza por parte de Gabriel, explicou que era apenas para discutir sobre as mensalidades. Não havia encontrado ainda uma maneira de conversar sobre o assunto com o filho. Não sabia se deveria

contar tudo e na dúvida, mantinha uma posição defensiva, ocultando tudo o que indicasse a situação.

Tudo parecia muito difícil, mas a certeza de que podia controlar qualquer dificuldade e sempre impor as suas vontades, levava Reinaldo a tomar suas decisões. Com essa visão, relatou o caso a dona Sônia e exigiu do colégio uma atenção especial ao filho. Não poderia acontecer, em hipótese alguma, uma exposição de Gabriel e da família, preservando assim a sua imagem.

- Fique tranqüilo seu Reinaldo, cuidarei pessoalmente do Gabriel como se fosse meu filho - Disse-lhe a diretora com voz terna e carinhosa.

Ao sair da escola, ele decidiu não ir para o escritório, mas voltar para casa. Precisava conversar com Lúcia e compartilhar a sua angústia com a esposa. A todo instante, a imagem de Gabriel aparecia à sua frente, dando os primeiros passos, conseguindo andar de bicicleta pela primeira vez, mostrando aos amiguinhos os presentes que ganhara de aniversário, exibindo as medalhas da natação ou do futebol... Aquele dia chuvoso e triste refletia perfeitamente o seu coração.

- Lúcia! Preciso falar com voc e.

- O que houve querido? Voc e não foi trabalhar? E o doutor Mendes, as mesmas recomendações?

- Não Lúcia. Acabei de deixar o Gabriel no colégio.

- Por qu e? Aconteceu alguma coisa? O Cláudio está doente?

- Não Lúcia! Não   o Cláudio, por favor... Me escuta! Será que voc e não   capaz de perceber o meu desespero?

- Reinaldo, o que está acontecendo?

- Eu sempre disse que voc e deixava o Gabriel fazer tudo o que queria, que não cuidava direito dele. E agora...

- Agora o que, Reinaldo?

- Agora ele está doente. Muito doente! Nós podemos perd -lo... Ouviu bem... Nós podemos perd -lo!

Lúcia não teve outra reação senão chorar. Afinal de contas, algo horrível estava acontecendo e Reinaldo, sem compaixão, acusava-a incisivamente.

- O que está acontecendo? Por favor... O que foi que eu fiz?

- O Dr. Mendes disse que a situação da saúde do Gabriel   muito grave.

- Mas o nosso filho está tão bem, Reinaldo!

- Os exames Lúcia. Os exames apontaram leucemia, e num estágio avançado.

- Oh, meu Deus! Hoje em dia existem tantos recursos, Reinaldo. A medicina opera verdadeiros milagres e o Gabrielzinho vai ficar bom. Eu sei!

- Você sempre acha que tudo vai dar certo e eu é que tenho que resolver os problemas. Se não fosse por mim...

- Chega Reinaldo! É muito fácil me culpar, senhor todo-poderoso! Pare de olhar para você mesmo e de se sentir vítima dessa situação! Entenda que é o nosso filho que pode sofrer muito. Nem isso você está enxergando. Desça desse pedestal e faça realmente alguma coisa por ele. Ame-o Reinaldo, ame-o de verdade!

Aquele desabafo de Lúcia, carregado de amor materno, fez Reinaldo desabar da sua condição superior de dono da verdade. Nunca ninguém tocara no ponto que expunha o seu real caráter, algo que ele não queria enxergar: o egoísmo e o orgulho conduziam as suas ações, talvez até pelo fato de sua criação, oriunda de uma família rica e importante. Pela primeira vez, os seus sentimentos vinham à tona sem a maquiagem que os embelezava.

- Papai, hoje é o dia do jogo! A mamãe vai me levar. Vamos também?

- Não posso filho, estou ocupado. Tenho certeza que você vencerá. Estou torcendo por você.

- Mas... Eu queria que você estivesse lá, junto com a gente. Eu preciso de vocês dois.

- Não se preocupe, a mamãe irá com você. Outro dia daremos uma grande festa e mostraremos o seu troféu. Eu te prometo. Todo mundo vai ficar sabendo que eu tenho um filho campeão.

II

Reinaldo e Lúcia sabiam que o tratamento de Gabriel deveria começar imediatamente e decidiram contar-lhe sobre a doença, porém ocultando a gravidade. Todos tentavam, dentro do possível, manter uma naturalidade que ajudasse na sua recuperação, pois sabiam que o desânimo poderia ser fatal.

Além de tomar medicação oral, Gabriel começou a fazer seções de radioterapia e, logo em seguida, tudo foi substituído por quimioterapia, que em pouco tempo já produzia efeitos colaterais. Apesar de ninguém tocar no assunto, o menino inteligente, um dos primeiros da classe, percebia todo o movimento e, a cada dia que passava,

certificava-se de que aquela sua doença era não era tão simples como seus pais afirmavam. Não tinha ainda a noção de que a sua vida corria perigo e até gostava do carinho que recebia de todos ou das piadinhas que faziam com a sua careca. Ele era o centro das atenções, mas não sentia orgulho dessa importância, apenas estava feliz por receber os cuidados dos pais, dos familiares e dos amigos.

Lúcia sofria uma dor imensa, pois é muito difícil para uma mãe aceitar a idéia de que seu filho esteja perdendo a vida. Ao contrário de Reinaldo, que vivia o seu próprio mundo de poder e de ostentação, ela tinha como objetivo garantir a felicidade de Gabriel e amenizar o seu sofrimento. Por isso, seus dias se preencheram em cuidar devotamente do seu garoto. Assumiu a função de levá-lo e também de buscá-lo na escola, preparava pessoalmente as suas refeições, tinha na cabeça todos os horários de medicação e as consultas marcadas, estava sempre de olho sem que ele percebesse a sua presença. Não era muito de falar, característica de sua personalidade, mas fazia questão de demonstrar o seu amor, presente desde o momento em que o filho fora gerado, ou até mesmo antes. Era comum encontrá-la contando a Gabriel os seus sentimentos quando ele estava na sua barriga.

- Dona Lúcia, deixa que eu faço o almoço do Gabriel, a senhora pode fazer as suas coisas. Eu já tô tão acostumada.

- Não, Dinda. Eu mesma quero prepará-lo. Você cuida das refeições normais da casa, como sempre, mas as do Gabriel ficam por minha conta.

- A senhora é quem manda... Não é mesmo dona Lúcia?

- Ora, Dinda. Você sabe que é de casa e que não existe entre nós nenhuma formalidade. Eu só quero estar presente, muito presente, na vida do meu filho. Quero aproveitar cada minuto...

- Não fala assim, dona Lúcia. Nosso anjinho vai ficar bom, tenho certeza. E outra, não tenha nenhum tipo de remorso, pois a culpa não é da senhora. Nunca vi uma mãe tão dedicada.

- Meu coração está muito apertado. Você também é mãe, Dinda, e sabe muito bem que nós carregamos dentro de nós a missão de proteger nossos filhos. Quando acontece uma coisa dessas, parece que falhamos.

- Não pense assim, por favor! Apesar de saber que é muito difícil, eu peço que não desanime. Vamos já pra cozinha, se não o almoço vai atrasar.

- Ah, Dinda...

Enquanto Lúcia vivia a realidade, Reinaldo retornara, após o choque inicial da notícia, às suas preocupações do dia-a-dia. Estava certo que cumpria como ninguém as suas obrigações: Gabriel tinha os melhores médicos, os remédios mais recentemente descobertos para a sua doença e, principalmente, qualquer coisa que pedisse era comprada, desde uma simples roupa até o mais avançado brinquedo eletrônico. Já não existia, para Reinaldo, o sentimento de perda que antes o abalara tão profundamente.

Só uma coisa havia mudado em sua vida e ele não entendia bem a razão: várias e várias vezes o filme do passado corria em sua mente. Sem que pudesse controlar, parava olhando ao infinito, enxergando fatos que haviam acontecido e que mostravam o seu relacionamento com Gabriel...

- Pai, olha o desenho que eu fiz!

- Ficou muito bonito, Gabriel. Gostei dessas pessoas. Quem são?

- É a nossa família. Veja só: eu, você, a mamãe, a Dinda...

- A Dinda? Porque a Dinda?

- Ué... Ela mora conosco, faz tudo pra mim e eu gosto muito dela.

- Filho, a Dinda é apenas nossa empregada e o que ela faz é sua obrigação. Não misture os seus sentimentos, você tem que saber que existem diferenças entre as pessoas. Não podemos nos relacionar tão intimamente com pessoas que têm uma vida muito diferente da nossa.

- Não entendi...

- Nós temos a nossa vida, com os nossos familiares e amigos, e não devemos ter muito contato com pessoas que só querem os nossos bens.

- Os mais pobres?

- Isso. Você entendeu.

- Mas a Dinda é diferente e eu vou deixar ela no meu desenho... Tchou.

- Ah... Reinaldo. Você quer que o Gabriel seja como você?

- Claro. Um grande homem, empreendedor, vitorioso, poderoso. Ele tem que enxergar que o mundo é assim. Não pode viver num faz-de-conta.

Lúcia, não continuou a conversa, apenas abaixou a cabeça e saiu muito entristecida.

Reinaldo era um poço de orgulho e egoísmo. Lúcia sabia que o que ele fazia para o filho era mais para massagear seu próprio ego do que para educá-lo. Ela tomou

para si essa obrigação, que deveria ser do casal, e tentava moldar o caráter de Gabriel, revertendo todo o ensinamento que achava equivocado por parte do pai, iluminando assim os caminhos do filho. Reinaldo continuava a achar que tudo o que fazia estava correto e nem mesmo essas lembranças conseguiam abrir os seus olhos.

III

A vida de Gabriel estava radicalmente diferente. A começar pelo colégio, onde apesar da colaboração de todos, era impossível manter, durante todo o tempo, uma naturalidade diante do garoto que estava tão magrinho, tinha perdido os cabelos cacheados e dificilmente saía da sala de aula, já que se cansava muito rapidamente. Os remédios tinham que ser tomados regularmente, mas uma coisa não havia mudado: o seu sorriso continuava o mesmo, era visível a sua alegria ao chegar ao colégio e encontrar os amigos, os professores, os funcionários. Isso lhe fazia muito bem.

- Oi, carequinha!

- Pedro, se você me chamar mais uma vez de carequinha vou contar para a diretora e ela vai por você de castigo!

- Me desculpe Gabriel, eu tava só brincando. Por favor, não diga nada pra dona Sônia, eu te imploro.

- Te peguei, seu bobo! Olha só a sua cara de medo!

- Não é medo. É só uma tática para as pessoas pensarem que estou com medo.

- Ah... Tá bom... Vamos brincar um pouco. Veja estão nos esperando.

Com o passar dos dias, houve a necessidade de Gabriel ficar em casa, pois o seu organismo não tinha uma grande resistência e um lugar tão cheio de pessoas, como a escola, tornou-se um risco muito grande à sua saúde. Quando recebia visitas, todo cuidado era tomado para que não ficasse muito exposto.

No quarto de Gabriel, durante todo o dia, os raios do sol iluminavam e aqueciam o ambiente, combinando com o seu semblante sempre doce e alegre. Em nenhum momento havia ali sombra, como nos outros cômodos da casa, que pareciam escuros e tristes mostrando os sentimentos das demais pessoas da casa.

- Sabe dona Lúcia, somente uma criança, na sua pureza, consegue ser feliz, mesmo nessas horas tão duras.

- É Dinda. O Gabriel ainda não tem consciência de muita coisa que acontece na sua vida, mas... Não sei... Tem horas que eu o vejo como um adulto que sabe muito bem o que quer.

Embora nada mais fosse dito, as duas mulheres e mães, sabiam que esse era um sentimento materno de quem, incapaz de suportar o sofrimento de um filho, preferia atribuir-lhe a aceitação de um drama, mesmo que essa não fosse a expressão precisa da realidade.

Um mês havia se passado desde que o doutor Mendes fizera o diagnóstico da doença. Sob sua orientação havia sido escolhido o doutor Lopes, seu amigo e um dos maiores oncologistas do país para cuidar, em conjunto, do caso de Gabriel. Apesar do desconforto causado pelos efeitos colaterais resultantes das seções de quimioterapia, a leucemia estava sob controle e ninguém falava em cirurgia ou necessidade de transplante de medula óssea. Mas, naquela tarde de sábado, a saúde de Gabriel deu uma decaída considerável, os médicos foram chamados e a sua internação foi inevitável.

Lúcia e Reinaldo, ao verem o filho sair desacordado de casa, ficaram atordoados. Nunca estiveram tão juntos, com pensamentos tão parecidos. Tinham em mente apenas a possibilidade da morte de Gabriel e isso conduzia, de maneira angustiante, as suas ações. Não havia espaço para orgulhos, egoísmos ou sentimentos de culpa e a emoção falava mais alto que a razão. Inconscientemente, Reinaldo, como nunca acontecera antes, deixou de pensar em si próprio para pensar verdadeiramente no filho e isso nem foi percebido por Lúcia, que só tinha olhos para o menino, numa oração constante pela sua vida.

Gabriel deu entrada, em estado grave, na Clínica Santa Maria, a mais bem aparelhada da cidade e a única com recursos para reverter aquele quadro. A ação dos médicos foi imediata e eles conseguiram manter as suas atividades vitais através de aparelhos. Desse modo, se passaram quatro dias e os pais, acompanhando minuto a minuto a situação do filho, não saíram um instante sequer da clínica. O sofrimento era tamanho, pois não podiam ao menos visitá-lo na unidade de terapia intensiva.

No quinto dia após sua internação, Gabriel melhorou um pouco e foi transferido para o quarto. Lá além dos aparelhos, que supriam qualquer falha do seu organismo, o menino contava com a melhor ajuda que poderia receber: a presença permanente dos pais. Pelos olhos de quem, estando fora daquele contexto, pudesse observar, via-se ali claramente muito mais a ajuda que Gabriel dava à vida de Lúcia e Reinaldo do que o inverso.

A estabilidade nas condições de saúde do menino, mesmo que ainda contando com uma certa gravidade, proporcionou uma tranquilidade aos pais, de modo que pudessem revezar no seu acompanhamento. Segundo os médicos, a presença de alguém junto de Gabriel não precisava ser constante, então, exaustos, Lúcia e Reinaldo foram orientados a dormir em casa pelo menos uma noite. Assim o fizeram depois da garantia de que uma enfermeira os substituiria na vigília.

Quando retornaram no dia seguinte, como por milagre, Gabriel estava consciente e acordado. A alegria tomou conta de todos:

- Graças a Deus! - Disse aliviada, Lúcia - Filho, como é bom te ver bem melhor.
- Oi, mãe. Estava esperando vocês.

Os olhos de Reinaldo brilhavam.

- Oi, filhão! Eu tinha certeza que você se recuperaria. O final feliz dessa história estava garantido, pois escolhi os melhores médicos e a melhor clínica. É só você poder sair daqui e vamos dar uma grande festa para mostrar a nossa felicidade. Todos vão saber que Gabriel Castelo está recuperado.

Depois de algum tempo, Reinaldo estava novamente se sentindo o dono da situação e se preparava para sair de modo a retomar as suas atividades.

- Não vai ficar mais um pouco, papai?
- Vou dar uma saidinha, preciso cuidar das nossas coisas, mas logo eu voltarei.

A mamãe ficará com você. Fique tranquilo e descanse.

- É verdade pai. Tô me sentindo um pouco cansado e acho que vou dormir um pouquinho.

Reinaldo acabou de fechar a porta e Gabriel falou:

- Mamãe, estou com sono.
- Feche os olhos filhinho e durma, a mamãe ficará cuidando de você.
- Mamãe... Eu gosto tanto da senhora.
- Ah! Meu pequeno anjo... Eu te amo mais do que tudo nesse mundo.
- E eu também gosto muito do papai...
- Eu sei filho.
- Mas ele sempre tem algo importante para fazer. Eu sei que é para nosso bem.
- É filho, o jeito dele gostar de nós é diferente. Ele nos ama... Trabalhando...

Cuidando de nós...

- Acho que ele não vai mudar...
- Não sei filho. Talvez... Muitas pessoas mudam.

- Acho mesmo que não. A senhora fala pra ele que eu o amo muito do jeito que ele é, e que sempre vou amar?

Naquele instante, Lúcia sentiu um grande aperto em seu coração, um nó na garganta parecia sufocá-la. Quase não conseguia respirar e, enquanto uma lágrima corria em sua face, apenas balbuciou:

- Sim... Eu te amo...

Gabriel sorriu e fechou os olhos. Dormiu, tranqüilamente, um sono eterno...

Vitor Fernandes